

A presença portuguesa nos Shanghai Volunteer Corps De Hong XiuQuan ao Imperador Hirohito

Mestre
Gonçalo Almeida Garrett



A grande guerra civil chinesa do século XIX, popularmente conhecida como Rebelião de Taiping (1851-1864), em chinês (Tai-“Grande”, Ping-“Paz”, Tian-“Céu”, Guo-“País ou Reino”) e na qual morreram aproximadamente 40 milhões de pessoas, teve como origem um improvável agente na sociedade chinesa da altura, o cristão Hong XiuQuan.

Hong XiuQuan acreditava ser o irmão mais novo de Jesus Cristo e anunciava-se escolhido por Deus para estabelecer um reino celestial na terra, sendo o seu primeiro desígnio a substituição da dinastia Qing, a qual Hong considerava ser extremamente corrupta. A dinastia Qing foi a última dinastia reinante na China, com início em 1644, aquando da invasão pela étnia Manchu do norte da China, derrotando a dinastia Ming.

A Rebelião de Taiping decorreu sobretudo no vale do rio Yangtze e afectou directamente as cidades de Nanquim e Xangai. O número total de mortes aceite pela maioria dos estudos sobre a rebelião de Taiping é de aproximadamente 40 milhões de pessoas, sobretudo população civil, afectada por execuções massivas em cidades que ofereciam resistência e pela fome resultante da destruição da estrutura de produção alimentar.

Há autores que apontam para números até 100 milhões de vítimas desta guerra civil, valores baseados em extrapolações dos números fornecidos pelos censos de 1851 e de 1911. Como nota, em 1851 foram contabilizados 432 milhões de chineses e passadas seis décadas (1911) a população era de apenas 375 milhões.

Como nota de interesse, entre estes dois censos, o de 1851 e o de 1911, registaram-se três grandes rebeliões contra a dinastia Qing: a Rebelião de Nian (1851-1868); a Rebelião Muçulmana (1862-1877); e a de Taiping, a única das três com reais possibilidades de destronar a dinastia Qing.

A ameaça sobre Xangai e sobre o comércio internacional

O Tratado de Nanquim (1842), assinado na sequência da vitória inglesa da primeira Guerra do Ópio (1839-1842), previa a alteração do Sistema de Cantão (1757-1842), que até então limitava o comércio internacional apenas ao porto de Cantão e às suas conhecidas treze feitorias. O Sistema de Cantão ou "*Single port commerce system*" fora criado pelos chineses como resposta à ameaça política e comercial estrangeira, centralizando num porto apenas (para além de Macau e Hong Kong) toda a actividade comercial internacional.



Fonte: Autor: William Daniell
(1769-1837).National Maritime Museum,

Figura 1 - Cidade de Guangzhou (Cantão) com o Rio das Pérolas e os edifícios das feitorias europeias (1805-1810).

Assim, o Tratado de Nanquim tinha como objectivo-base mudar toda a estrutura imposta pelo Sistema de Cantão, prevendo no seu artigo V a abertura dos portos de Fuzhou, Ningbo, Xangai e Amoy a todos os países que quisessem fazer negócio com agentes chineses, sem qualquer limitação. A Grã-Bretanha ficava também com o direito de enviar cônsules para estes quatro portos, os quais estavam acreditados para comunicar directamente com as autoridades chinesas locais. A gestão das tarifas aduaneiras estava também contemplada, ficando previsto que seriam acordadas entre o governo chinês e o da Grã-Bretanha.

Como resultado, Xangai, que possuía uma localização estratégica, passaria então de uma pequena cidade piscatória para a mais dinâmica e avançada cidade na Ásia.

O *status quo* manteve-se até que, em 1853, um pequeno grupo de rebeldes intitulado *Small Swords*, em português Pequenas Espadas, proveniente de Cantão e apoiantes de Hong XiuQuan, instalou-se em Xangai, conseguindo, por falta de resistência, assumir o controlo de quase metade da cidade, sobretudo a sul do Rio Suchou.

O movimento *Small Swords*, que já controlava grande parte de Xangai, rejeitou sucessivas intimações para desocupar os protectorados internacionais e incutiu na população chinesa a convicção de que o Tratado de Nanquim não estaria mais em vigor, já que este vinculava apenas o Império e não o governo dos rebeldes. Esta tentativa de anulação dos tratados foi imediatamente rejeitada pelos cônsules americano e britânico. Assim, esta situação, juntamente com alguns casos de evasão ao pagamento de taxas alfandegárias, levou os mesmos à decisão de ocupar a alfândega e colocá-la sob gestão tripartida (americana, francesa e britânica).

Batalha de Muddy Flat e a criação dos Shanghai Volunteer Corps

No clima de permanente tensão que se vivia na altura entre o exército imperial estacionado a norte e os rebeldes a sul, o dia de 4 de Abril de 1854 começou com confrontos entre as tropas imperiais presentes na foz do rio Suchou, a norte de Xangai, e alguns civis chineses e ocidentais. Perante isto, o cônsul britânico, Rutherford Alcock, exigiu que este acampamento de tropas se deslocasse para fora da cidade ainda antes das 16,00 horas desse mesmo dia, sob pena de serem forçados a retirar.

O exército imperial chinês não atendeu às ordens e decidiu deslocar a frota de juncos do

Rio Huangpu para o rio Suchou, para proteger o acampamento. Alcock percebeu que não teria outra possibilidade que não fosse responder com força e reuniu rapidamente um pequeno grupo de cidadãos europeus que residiam no *International Settlement*, noventa marinheiros da *Royal Navy* e cento e cinquenta marinheiros do fortemente armado “USS Plymouth” que se encontrava estacionado em Xangai. No porto estavam também estacionados o “HMS Grecian” e o “HMS Encounter” em situação de prevenção para qualquer emergência e necessidade de retirada.

Deste confronto, que aconteceu nas margens lamacentas do rio Suchou (e de onde deriva o nome *Muddy Flat*), resultaram 304 mortos, 300 do lado imperial e 4 ocidentais, obrigando o exército imperial a retirar-se para norte de Xangai.

Ainda que sem existência formal, este é considerado o primeiro cenário de guerra do *Shanghai Volunteer Corps* (SVC).

12 de Abril de 1854

No rescaldo da batalha de *Muddy Flat* é convocada, para dia 12 de Abril, uma reunião geral de toda a comunidade estrangeira em Xangai, estando à mesa de trabalhos os cônsules da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos da América, os oficiais da *Royal Navy* e da Marinha Americana. Os trabalhos foram dirigidos pelo cônsul Alcock.

Nesta reunião geral foi decidida a constituição de um corpo voluntário armado com a adopção de uma postura de neutralidade. O comando deste corpo foi inicialmente assumido pelo Capitão Tronson, do “104th Regiment on Foot” ou “Bengal Fusiliers”, da *Royal Navy*.

Nasce assim formalmente o SVC.

A “Companhia Portuguesa” do Shanghai Volunteer Corps

O SVC foi então constituído em 1854 para proteger a cidade face aos eventos decorrentes da Rebelião de Taiping.

Este corpo era uma força internacional constituída por ingleses, escoceses, americanos, franceses, italianos, russos, portugueses, judeus, filipinos e chineses. Posteriormente, os franceses decidiram, em 1862, formar o seu próprio corpo, independente dos SVC, seguindo o modelo já adoptado pelo seu corpo de bombeiros em Xangai.

Com o cenário político mais calmo em Xangai, após o fim da Rebelião de Taiping (1864), o controlo dos SVC passa, em 1870, para o Conselho do Município de Xangai, sendo já

sob seu comando que a unidade portuguesa é constituída em 1882.

Desta forma, a unidade portuguesa assume a designação de “SVC Nº4”, sendo liderada pelo Tenente Mário A. Ferrás e Moisés H. Gutterres (patente desconhecida em 1882).

A unidade portuguesa tinha como objectivo zelar pela segurança e controlo de pessoas na zona norte da cidade, onde vivia a maioria da comunidade portuguesa. Passados poucos anos, em 1889, numa óptica de reorganização funcional dos SVC, a unidade foi extinta, sendo os seus membros integrados nas seguintes unidades: Guarda Civil, Artilharia e companhia inglesa, mais conhecida por “Companhia C”. Não se conhecem fontes que possam elucidar sobre a proporção na afectação a estes três novos corpos, sendo importante notar que esta extinção foi feita sob protesto dos seus membros.



Figura 2 - Tenente Daniel Maria de Graça Gutterres (Circa 1906).

Passados apenas dois anos, devido ao permanente descontentamento dos elementos portugueses separados e integrados em outros corpos, o Conselho do Município de Xangai autorizou a criação da “Companhia D”, constituída integralmente por portugueses. Esta companhia esteve ao serviço por cinco anos, sendo também ela extinta em 1886. Com esta nova ruptura os elementos da “Companhia D” decidiram juntaram-se ao já independente corpo francês.

Pouco depois, ainda se tentou formar outra Companhia estritamente portuguesa, tendo o Comando Militar de Macau enviado o Tenente Lopes como instrutor e organizador. Porém, conflitos posteriores entre promotores e membros obrigaram a abortar a missão.

Com o virar do século, exactamente a 26 de fevereiro de 1906, com o apoio diplomático de Lisboa, Fernando J. de Almeida, Joaquim F. das Chagas, José M. Placé dos Remédios e João Frederico Nolasco da Silva conseguem, junto do Conselho Municipal de Xangai, a constituição da Companhia dos Caçadores Portugueses de Xangai, que ficaria conhecida,

e oficializada, como Companhia Portuguesa “Coronel Mesquita”, dos SVC, nome adoptado como celebração da vitória do herói macaense Vicente Nicolau de Mesquita, responsável pela ocupação, a 25 de Agosto de 1849, do forte de Passaleão a norte de Macau. João Frederico Nolasco da Silva foi o primeiro oficial e Comandante da Companhia.



Figura 3 - Fotografia tirada imediatamente após a conclusão de exercícios de treino, conjuntamente com a Companhia Alemã (4 de Novembro de 1906).

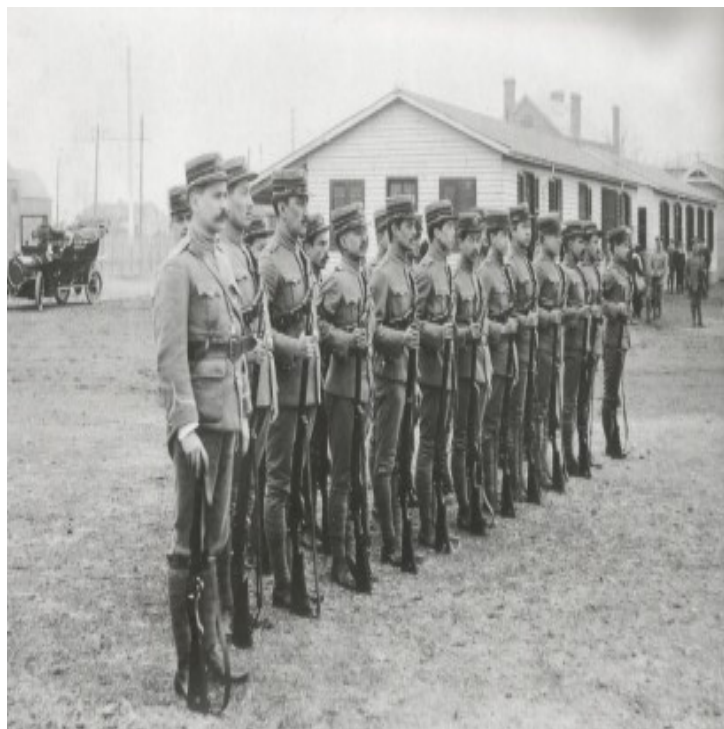


Figura 4 - Companhia Portuguesa antes da corrida de 12 milhas (Circa 1908).

A nova Companhia Portuguesa iria, poucos anos depois, ser equipada com dez metralhadoras ligeiras *Lewis Mark I* e cada homem tinha como armamento pessoal uma espingarda *Lee Enfield Mark VII .303* com a respectiva baioneta. Um ano depois, em 1907, o Município de Xangai autorizava a Companhia a usar uniforme, vozes de comando, instrução e disciplina, segundo o padrão do Exército Português.

Moisés Gutterres escreve no jornal português de Xangai "Pela Pátria" um artigo de opinião onde refere algumas das condecorações dadas aos elementos portugueses:

"To date, seventy of the volunteers have been awarded the Long Service Medal (12 years service) of whom nine have been granted one bar (additional 5 years service to each bar); ten of them with two bars each, and three with three bars each... a record in the SVC.!"



Figura 5 - Vencedores da competição anual "SVC Inter-Company Challenge Shield" (1919).



Figura 6 - Companhia Portuguesa vencedora da "British Cup" (1926).



Figura 7 – Campeões do concurso anual de tiro, ano de 1930.

Identificação da equipa vencedora: Fila de trás, da esquerda para a direita: Horácio B. Rocha; Geralberto E. Roliz; Alfredo Almeida; Henrique O. D’Aquino. Fila da frente, da esquerda para a direita: Álvaro M. Marques; Hipathia “Augusto” Savard dos Remédios.

Em 1922, Gomes da Costa, mandado por António Maria da Silva durante a sua inspeção extraordinária às colónias do Oriente (parte em Agosto de 1922 e só regressa a Lisboa em Maio de 1924), visita os SVC e reúne-se com o, na altura, Tenente F. Leitão, Tenente Coelho, Capitão Dinis, Tenente Brito, Tenente M. Leitão e Tenente Costa, a fim de perceber a real situação das forças portuguesas em Xangai.



Figura 8 - Visita do General Gomes da Costa aos SVC durante a sua inspecção extraordinária às colónias do Oriente (1923).

Passados alguns anos, a 5 de Outubro de 1932, o Governo de Portugal honra a Companhia Portuguesa com a Ordem de Cristo, por todo o trabalho patriótico e anos de lealdade ao serviço do SVC, contribuindo para a defesa dos cidadãos portugueses em Xangai.

Ao longo de todos os anos de serviço, a Companhia Portuguesa ganhou inúmeras competições internas, nomeadamente torneios de tiro. Da enorme lista de vencedores destacam-se os soldados Ernesto Diniz, António Diniz e António Collaço.

A Companhia Portuguesa destacava-se ainda das restantes companhias por celebrar anualmente, e com grande pompa, a vitória de Passaleão, tendo a celebração do 89.º aniversário sido particularmente digna de registo. Neste ano, na grande festa realizada no Clube Lusitano, foram atribuídos os prémios de tiro pelo Ministro para a China, Dr. Lebre de Lima, juntamente com o Presidente do Conselho e Comandante do SVC, o Sr. Keswick. Neste evento foram também entregues condecorações a oito membros da companhia portuguesa.

O fim dos SVC

Na década de 30, novos ventos sopravam por toda a Ásia. O movimento de agressão por parte do Império Japonês contra a China, nomeadamente a anexação da Manchúria e o bombardeamento de Xangai em 1932, levou o Conselho do Município de Xangai a iniciar os preparativos para a resistência da cidade. Dentro destas medidas, a que mais afectou a Companhia Portuguesa foi a ordem para a constituição de quatro pelotões com um limite total de 164 homens, número que nunca foi atingido por falta de armamento.



Figura 9 - Condecoração da SVC “Companhia Portuguesa” com a Ordem de Cristo (5 de Outubro de 1932) pelo Ministro de Portugal na China, Dr. Armando Navarro.

É em 1937 que a Companhia Portuguesa recebe ordem direta de Lisboa para desmobilizar e juntar-se ao Exército Português estacionado em Macau. Cerca de 50 aceitam e partem, ficando a presença portuguesa nos SVC reduzida a 93 elementos, número insuficiente para assegurar a operacionalidade dos quatro pelotões anteriormente constituídos.

A situação vai-se agravando paulatinamente, sendo que a 8 de Dezembro de 1941, imediatamente a seguir ao ataque da Marinha Imperial Japonesa a Pearl Harbor, ordenado pelo imperador Hirohito, é decidido o encerramento de todas as atividades de treino. Quase um ano depois, a 2 de Setembro de 1942, o Major Manuel Leitão, o Capitão

Próspero da Costa e o Tenente Mário Ferrás recebem ordem do Conselho do Município de Xangai para desmobilizar todo o contingente ainda em operação.

No dia seguinte, por decisão do mesmo, o SVC estava oficialmente extinto e Portugal terminava quase 60 anos de presença na primeira força internacional de protecção de Xangai.